



CARTEIRA DE TRABALHO: queda no comércio, construção civil e serviços

Mais de 14 mil demitidos no Estado

Somente no primeiro semestre, Brasil perdeu 345 mil empregos. É o pior resultado desde 2002, de acordo com o Ministério do Trabalho

BRASÍLIA

O mercado de trabalho formal no Brasil fechou 111 mil vagas no mês de junho, informou ontem o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

O resultado do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) é o pior para o mês da série histórica, iniciada em 1992. No semestre, o País fechou 345 mil vagas, o pior resultado desde 2002.

No Espírito Santo, 14.488 trabalhadores foram demitidos, metade só no mês passado, em setores como comércio, construção civil e serviços.

A última vez que o mês de junho apresentou saldo negativo foi também em 1992, há 23 anos, quando foram fechados 3.700 postos.

Desde então, o mês é tradicionalmente marcado por um número maior de contratações do que de demissões. No mesmo mês do ano passado, por exemplo, o saldo foi a abertura de 25 mil vagas.

O número ruim de junho teve

forte influência da indústria de transformação, que apresentou saldo negativo de 64 mil postos de trabalho. O setor teve retração no emprego em todas as áreas, sem exceção, com destaque para as indústrias metalúrgica, mecânica, de materiais, de transporte e têxtil.

O setor de serviços foi o segundo que mais fechou vagas no mês passado, com menos 39 mil empregos, seguido pelo comércio, que fechou 25.600 vagas, e pela construção civil, que teve resultado negativo em 24 mil postos formais de trabalho.

O resultado para o mês só não foi pior, porque a agricultura registrou um saldo positivo de 44.600 novas vagas.

Na avaliação do economista-chefe da Sulamérica Investimentos, Newton Camargo Rosa, a deterioração progressiva do mercado de trabalho vai se prolongar.

“A economia está passando por um ajuste significativo, fruto dos erros cometidos na política econômica num passado recente”, afirmou.

“A economia está passando por um ajuste significativo, fruto dos erros cometidos na política econômica”

Newton Camargo Rosa, economista